



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Rede credenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Prevenção a violência contra mulheres negras

Kevelin Victoria Pereira Bispo¹; Sinara de Lima Souza²

1. Kevelin Victoria Pereira Bispo, PIBIC-EM/CNPq, ENSINO MÉDIO, e-mail: kevelynvictoriavictoria@gmail.com

2. Sinara de Lima Souza, DEPARTAMENTO DE SAÚDE, e-mail: sinarals@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Cultura de paz; Educação; Violência contra

mulher negra.

INTRODUÇÃO

Os casos de violência nas escolas têm ganhado destaque na mídia e na sociedade em geral nos últimos anos.. A prevenção e enfrentamento da violência escolar visa favorecer a convivência entre os integrantes do ambiente escolar, incentiva o estabelecimento de relações democráticas na escola e o respeito às diferenças (SILVA; ASSIS, 2018). Pesquisas sobre violência denunciam o racismo, e apontam a urgência da necessidade de estudos voltados para a população negra. População esta que, apesar dos dados, ainda é invisibilizada socialmente (CARRIJO; MARTINS, 2020). No Brasil, as mulheres negras são a maioria das vítimas nos índices de violações de direitos humanos, sendo 68,8% das mulheres mortas por agressão. Em 2013, houve uma diminuição de 9,8% nos homicídios de mulheres brancas, enquanto para mulheres negras aumentaram para 54,2% (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2016). Diante disso, entendemos que se faz necessário o engajamento no movimento pela paz, construindo uma cultura que permita conjugar atitudes individuais e coletivas em prol do bem-estar dos cidadãos e do desenvolvimento, considerando as crianças e adolescentes como protagonistas (DUPRET, 2002). Neste sentido, estimularmos a prática da comunicação não violenta (CNV) como promotora da prevenção de violência contra mulheres negras é uma possibilidade acessível e exitosa. Esta tecnologia se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. Está pautada em quatro componentes: 1. observação; 2. sentimento; 3. necessidades; 4. pedido (ROSEMBERG, 2003). Desta forma trabalhar o desenvolvimento de habilidades que proporcionem melhores formas de interação/comunicação, possibilitar melhora dos relacionamentos interpessoais e, consequentemente, atuará como fator de proteção. Tivemos como objetivo geral: Desenvolver propostas de comunicação não violenta como promotora de saúde e da cultura de paz a adolescentes de uma escola pública do interior da Bahia. Objetivos específicos: Identificar o conceito de comunicação não violenta e forma de prevenção a violência contra mulher negra de adolescentes de uma escola pública do interior da

Bahia; elencar as estratégias de transformação da realidade dos adolescentes de uma escola pública do interior da Bahia.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é parte de um estudo contínuo, iniciado em 2011, utilizando a abordagem metodológica da pesquisa-ação. A abordagem envolveu a participação ativa dos atores sociais que fazem parte da realidade a ser conhecida e transformada (THIOLLENT, 2011). O campo da pesquisa foi o Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, situado em um bairro periférico de Feira de Santana-BA. As participantes foram 6 estudantes negras cursando o ensino médio. A faixa etária variou entre 16 e 17 anos. Como técnicas de pesquisa, inicialmente fizemos uma observação participante na escola, imbuídas de um olhar investigativo das atividades cotidianas relacionadas a uma área da vida social, a fim de estudar aspectos de vida por meio da observação de eventos em seus contextos (MARIETTO, 2018). Em seguida, realizamos duas rodas de conversa. Dessa forma, promovemos o protagonismo de adolescentes, tendo como mediadora uma discente negra que cursa o ensino médio da própria escola na condução das atividades. A Roda de Conversa é um método com estratégia de participação coletiva que envolve debates sobre temas específicos. Nesse método, os participantes têm a oportunidade de dialogar entre si, expressando suas opiniões e ouvindo seus pares através do exercício reflexivo. As rodas de conversa possibilitam encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido – saberes – sobre as experiências dos participantes (SAMPAIO, et al, 2014). Na primeira roda de conversa levamos alguns comentários, ditados populares e trechos de músicas, dentro de balões de festa sendo eles: “Sabia que meu cabelo é ruim igual ao seu. Eu aliso, não consigo usar assim”, “Preta do cabelo duro” e “mulheres negras são mais resistentes a dor”, para que cada menina enchesse. Colocamos uma música e pedimos para que cada uma passasse o balão uma para outra, até a música parar, após a isso pedimos que cada uma de cada vez fosse lendo o que tinha dentro do balão, para que pudéssemos ir construindo um diálogo. Na segunda roda de conversa fizemos perguntas relacionadas a identidade e representatividade. Qual é a profissão dos sonhos de vocês? vocês se sentem representadas na profissão dos sonhos de vocês? Vocês já foram jogadas ao falarem da profissão dos sonhos de vocês, por conta da cor de pele? Vocês acham que a escola pode contribuir para a autoimagem de vocês, para a escolha da profissão de vocês? De que forma? A escola já proporcionou projetos relacionados à beleza afro? Vocês participaram?

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Com base nas rodas de conversa realizadas, vimos que as alunas então passando por uma construção de identidade étnico-racial, além de uma aceitação de suas características negróides. Foi possível observar que algumas violências sofridas não são vistas como normais pelas meninas, mas que ainda sentem medo de relatar isso para a gestão do colégio. As meninas também constataram que o racismo recreativo é bem presente na escola, mesmo apesar da escola oferecer uma disciplina antirracista, que faz parte das disciplinas complementares do currículo, a prática massiva ainda vem

ocorrendo na unidade escolar. A estudante 3 se reconheceu ao ler o refrão de uma música entoada por treze (13) alunos da Atlética da Faculdade Nacional de Direito, que dizia: “Mulata analfa, com postura de macaco, cheiro forte de suvaco.”, trecho que expressa violento racismo e humilhação corporal. Em contrapartida, há uma associação das mulatas ao deleite sexual e erótico do homem brasileiro. A estudante 3 comentou: “É chato ouvir que você fede por conta da sua cor”. Esse cenário ilustra claramente os efeitos do racismo simbólico e o peso psicológico de termos historicamente carregados de violação da dignidade, como já analisado por Dias (2020). As participantes do estudo disseram que veem muitos casos de racismo recreativo, mas não interferem por acharem que é uma coisa boba, o que mostra a naturalização desses atos no ambiente escolar. Além disso, a falta de representatividade deixa as meninas confusas em relação a sua construção de identidade. Como reflexo dessa invisibilidade, vimos que a metade delas não identificava uma profissão que desejassem exercer e aquelas que citaram uma profissão revelaram que a representatividade vem de casa, não da escola, porque na visão das alunas têm profissões que elas não se sentem representadas, por falta de pessoas negras nesses cargos. Vale ressaltar que este tema vem sendo trabalhado em uma das disciplinas complementares do currículo escolar. Em relação a construção de autoestima das meninas, que estão passando por um processo de aceitação dos cabelos e de suas características negróides, notamos a influência benéfica da mídia, que atualmente agrega mais pessoas com fenótipos negros, criando uma boa imagem das pessoas negras de pele retinta e do cabelo crespo ou cacheados, ensinado como cuida do cabelo, que muitas das vezes as meninas alisam por não saberem cuidar, o que está mudando atualmente, já que tem várias plataformas digitais que ensinam como cuida do cabelo e ter um cronograma de cuidados. Assim vindo a desnaturalizar o branqueamento na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desses resultados, concluímos que apesar de acontecerem algumas iniciativas, a escola ainda possui um grande desafio para integrar dinâmicas e implementar projetos relacionados à beleza negra, e realizar rodas de conversas sobre políticas públicas voltadas à população negra, assim como propor discussões sobre a construção de identidade de pessoas negras na sociedade. Portanto, a efetivação da Comunicação não violenta, perpassa pela desnaturalização das situações de violência encontradas e da mudança de postura da comunidade escolar frente a tais situações, através do empoderamento das vítimas e da relação respeitosa. As participantes demonstraram a compreensão de que a CNV é pautada no respeito às diferenças e na solidariedade. Contudo, ainda visualizavam as estratégias de promoção da CNV através da mudança na postura dos não negros. Durante as rodas, notamos um despertar para a melhora da autoestima e o reconhecimento do seu próprio valor.

REFERÊNCIAS

CARRIJO, Christiane; MARTINS, Paloma Afonso. A violência doméstica e racismo contra mulheres negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, 2020.

DIAS, Luciana de Oliveira. Orí e cabeça são femininas: mulheres-raízes e suas insurgências de intelectualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 28,

n.3, 2020.

MARIETTO, M. Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos. **Iberoamerican Journal of Strategic Management** (IJSM).10, oct. 2018. Available at:

<http://revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/view/2717>

ROSEMBERG, M. **Comunicação Não Violenta**: técnica para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2003. Disponível em <http://www2.ifam.edu.br/>

SAMPAIO, J. et al.. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 1299–1311, 2014.

SILVA, FR DA.; ASSIS, SG. Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, v. 44, 2018.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Dossiê Violência Contra Mulheres, 2016.

Disponível em [Disponível em https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/panorama-da-violencia-contra-as-mulheres-no-brasil-indicadores-nacionais-e-estaduais-observatorio-da-mulher-contra-violenciasenado-federal-2016/](https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/panorama-da-violencia-contra-as-mulheres-no-brasil-indicadores-nacionais-e-estaduais-observatorio-da-mulher-contra-violenciasenado-federal-2016/)

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-Ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2011.